

Histórias de vida e identidade negra: formação educomunicativa para educadoras(es) interessadas(os) na aplicação da lei federal 10.639

PAOLA DINIZ PRANDINI

Neste artigo, realizamos uma breve avaliação acerca das contribuições da prática educomunicativa relacionada ao Digital Storytelling (ou Histórias de Vida Digitalizadas, na Língua Portuguesa) como estratégia para a aplicação da Lei Federal 10.639/03 nas escolas da Rede Municipal de Educação de São Paulo.

Por meio do curso “Histórias de vida e identidade negra: um passeio crítico sobre filmes e músicas da cultura negro-brasileira”, ministrado por esta autora nos anos de 2015 e de 2016, como formadora do Núcleo para a Educação das Relações Raciais (NERER) da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP), o texto busca empreender uma primeira análise acerca da prática realizada.

O intuito do artigo, dessa forma, é analisar de que maneira e em que medida a Educomunicação colabora para a reflexão sobre a construção das identidades e, assim, possibilita novas formas de abordagem, mais eficazes e assertivas, bem como propositivas e empoderadoras, de aplicação da referida lei federal.

Esta formação foi oferecida a cerca de cem educadoras e educadores que atuam em escolas de Educação Infantil e do Ensino Fundamental I e II, que fazem parte da Rede Municipal de Educação da cidade de São Paulo.

Com base na Lei Federal 10.639/03 e partindo do princípio de que a produção de narrativas a respeito de si próprio pode colaborar para que sejam construídas as identidades étnico-raciais dos indivíduos, este curso se fundamentou em três pilares:

1. o de linguagem e produção de sentido, com importante enfoque nas histórias de vida digitalizadas;
2. o de princípios educomunicativos para balizar tanto a teoria como as práticas desta formação;
3. o de identidade étnico-racial, com destaque para o “ser negro” no Brasil, a fim de se que pudesse contribuir para a construção da noção de sujeito de educadoras(es) e estudantes negros(as) brasileiros(as).

Nesse sentido, a formação acima referida teve como objetivo promover a leitura crítica de filmes e de músicas do universo da cultura negra brasileira, a fim de provocar discussões e reflexões acerca dos sentidos identitários que podem ser construídos por meio da linguagem verbal e visual, por meio de um processo educomunicativo sobre a construção da identidade negra no Brasil, realizando práticas acerca das histórias de vida digitalizadas e ainda identificar como se daria a construção de sentidos de identidade negra dentro e fora do ambiente escolar brasileiro e, especialmente, na Rede Municipal de Educação de São Paulo.

O curso, dessa forma, foi realizado com a duração total de 24 horas presenciais, divididas em oito encontros semanais com duração de três horas cada. As aulas, por sua vez, foram divididas entre momentos de exposição oral da formadora, dialogada a partir dos conteúdos teóricos, da leitura compartilhada de excertos de textos que fizeram parte da bibliografia básica, e da utilização de recursos audiovisuais, sobretudo filmes e canções, que pudessem municiar a realização de práticas pedagógicas, inclusive durante as aulas e após o final do curso, já nas escolas, posteriormente.

Foram realizadas leituras críticas coletivas a partir da exibição de diferentes filmes que fazem parte do que conhecemos por “cinema negro brasileiro”, tais como: “Jennifer”, de Renato Cândido; “Vidas de Carolina”, de Jéssica Queiroz; “O Dia de Jerusa”, de Viviane Ferreira, além de um vídeo que apresenta um poema interpretado pela ativista afroperuana Victoria Santa Cruz, intitulado “Gritaram-me negra”.

Além das películas, também houve momentos de discussão coletiva acerca de variadas canções musicais, como: “O Resgate”, do grupo Realidade Cruel; “Desculpa, mãe”, de Fação Central; “Mil Faces de um Homem Leal”, de Racionais MCs; “O samba é meu dom”, de Fabiana Cozza; “Mulheres Negras”, de Estela Carvalho e Célia Santos; “Todas elas juntas

num só ser”, de Lenine; “Pensamentos trancados”, de MC Daleste e MC Dimenor; “Sou Negoinho”, de MC Pelé do Manifesto e “Todo mundo pede a paz”, composta e interpretada por vários(as) MCs brasileiros(as).

Ressalta-se que a formação também contou com a explanação dos procedimentos metodológicos utilizados por esta autora, durante sua pesquisa de campo para a confecção de sua dissertação de mestrado¹, defendida em 2013, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes, na Universidade de São Paulo. Tal apresentação foi realizada a fim de revelar as aproximações e possibilidades que a referida pesquisa de campo traziam como parte do curso que ora estava sendo ministrado.

“Raízes mais solidificadas geram melhores frutos”

O título desta parte que integra este artigo apresenta uma das produções realizadas pelo grupo participante do curso. Nela, o educador Marcos² nos apresenta o que, para ele, significava o processo de formação do qual participava. Vale dizer que essa frase foi retirada de um dos instrumentos metodológicos utilizados no curso, no caso, um baobá impresso em uma folha de sulfite, que serviu de marcos inicial e final do curso.

Salientamos, aqui, que a formação por nós analisada, neste artigo, além de estar completamente alinhada com a condução de nossos estudos acadêmicos realizados até então, também se apoia nos discursos de um principal autor de origem francesa: Jerome Bruner. É dele o trecho que destacamos a seguir:

A convenção da maioria das escolas tem sido tratar as artes da narrativa - canto, drama, ficção, teatro, etc - mais como “decoração” do que necessidade, algo com o qual adornamos o lazer, às vezes até mesmo como algo moralmente exemplar. Apesar disso, estruturamos os relatos de nossas origens culturais e nossas crenças mais estimadas na forma de histórias, e não é apenas o “conteúdo” dessas histórias que nos prendem, mas seu artifício narrativo (BRUNER, 2001, p. 44).

Assim como afirma Bruner acima, acreditamos ser primordial priorizarmos espaços de legitimação de discursos autobiográficos nas comunidades escolares brasileiras. E, acima de

1 O texto completo da dissertação de mestrado “A cor na voz: Linguagem e identidade negra em histórias de vida digitalizadas contadas por meio de práticas educacionais” pode ser lido no link: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-30012014-105233/pt-br.php>>

2 Ressalta-se que iremos nos ater apenas ao primeiro nome dos(as) educadores(as) citados nesse texto.

tudo, é essencial que essas práticas sejam interpretadas como curriculares, como parte integrante e necessária para a condução adequada dos conteúdos previstos nas grades curriculares das escolas do país.

Por esse motivo, realizamos a oferta desta formação às(aos) educadoras(es) da Rede Municipal de Educação de São Paulo. Afinal, entendemos que era urgente encararmos a leitura crítica de histórias de vida, a partir de filmes e canções do universo cultural negro brasileiro, como crucial para a descolonização dos currículos, o que prescinde, por sua vez, a descolonização de mentes e de corpos, num processo de construção de identidades contínuo para educadoras(es) e educandas(os).

Numa perspectiva de descolonização dos currículos e na compreensão das rupturas epistemológicas e culturais trazidas pela questão racial na educação brasileira, concordo com o fato de que esse olhar é um alerta importante. A compreensão das formas por meio das quais a cultura negra, as questões de gênero, a juventude, as lutas dos movimentos sociais e dos grupos populares são marginalizadas, tratadas de maneira desconectada com a vida social mais ampla e até mesmo discriminadas no cotidiano da escola e nos currículos pode ser considerado um avanço e uma ruptura epistemológica no campo educacional. No entanto, devemos ir mais além (GOMES, 2012, p. 104).

Em relação à construção de identidade étnico-racial, central para a realização dos diálogos do curso a que nos referimos neste texto, ressaltamos que é o indivíduo quem articula o conjunto de referências que orientam sua forma de agir e de mediar seu relacionamento com os outros. Com o mundo e consigo mesmo. A identidade é um conjunto subjetivo de significados próprios aos grupos de mesma identidade.

Nesse sentido, entendemos que a promoção da identidade étnico-racial no Brasil não pode ser entendida como sendo parte de um sistema multicultural ou intercultural, mas político. Pois, conforme explica Hall (2009, p. 49): “assim como outros termos relacionados - por exemplo, “raça”, etnicidade, identidade, diáspora - o multiculturalismo se encontra tão discursivamente enredado que só pode ser utilizado “sob rasura”. As escolhas identitárias, segundo o teórico, são mais políticas que antropológicas.

Portanto, temos que a definição de identidade é sempre de caráter político-cultural. Para tornar-se negro, é preciso, outrossim, partir das experiências vividas pelos ascendentes africanos e valorizar as manifestações negras que têm na África sua origem e/ou que são prática, a partir de um cunho ideológico posto, por negros contemporâneos.

“Os relatos são mais importantes que os fatos”

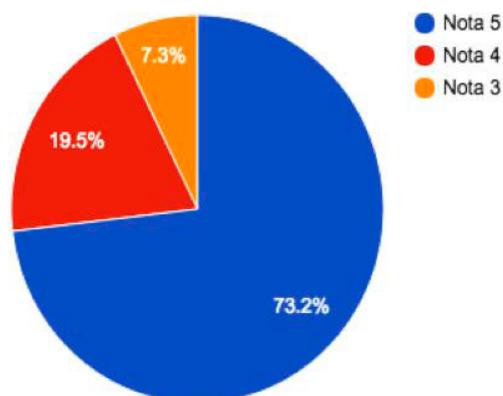
Também a partir de um trecho de um texto escrito pela professora Regina, como história de vida por ela criada – como produto final do curso - abrimos a etapa final deste artigo, com uma sintetização trabalhada com o grupo de educadoras(es) participantes da formação “Histórias de vida e identidade negra: um passeio crítico sobre filmes e músicas da cultura negro-brasileira”. Na frase que intitula esta parte do texto, vemos a consolidação do pensamento de Bruner, conforme destaca-se a seguir:

E os pontos decisivos de uma vida não são provocados por fatos, mas por revisões na história que se usa para falar da própria vida e de si mesmo: as mais drásticas dessas revisões são as mudanças de gênero provindas de dentro do ser (BRUNER, 1995, p. 142).

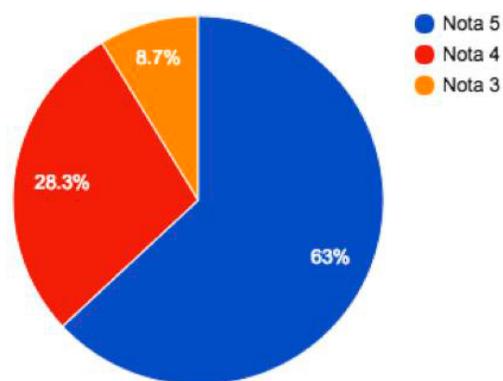
É salutar observarmos a maneira como a educadora Regina compreendeu as referências bibliográficas trabalhadas durante a formação, o que nos revela a importância de solidificar as práticas com reflexões epistemológicas que as justifiquem e garantam sentido à práxis.

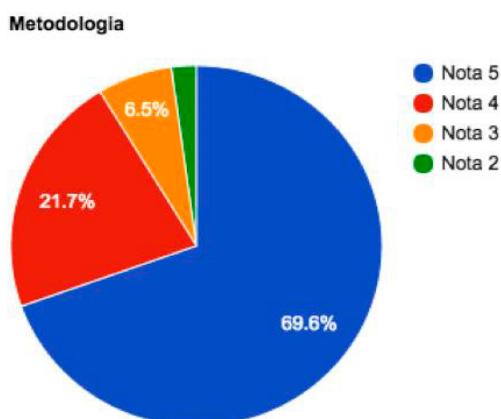
Além desta observação, também pudemos perceber a relevância do curso ministrado, tanto em termos gerais, como a partir da avaliação positiva empreendida pelas(os) participantes em relação aos conteúdos trabalhados e à metodologia utilizada, no caso, assentada nos princípios educacionais, conforme apresentamos nos gráficos a seguir (gerados a partir de um formulário de avaliação, com notas de 1 a 5, entregue ao final da formação):

Curso no Geral



Conteúdo trabalhado





Nesse sentido, relatos como: “O curso foi bastante enriquecedor, possibilitou refletir sobre possibilidades metodológicas e sobre nossos saberes”, demonstram a importância da Educomunicação ter balizado nossas práticas pedagógicas neste curso. Afinal, valorizar a autonomia, a liberdade de expressão e o protagonismo das(os) educadoras(es) participantes foram requisitos primordiais para a condução do curso.

Não é a toa que a educadora Flávia, por exemplo, em sua história de vida, entregue como produto final do curso, afirma: “(...) eu sou o que ando sendo, mas potencialmente eu sempre posso ser mais, ser outra e não querer ser também”. Esse depoimento nos revela a apropriação adequada desta educadora acerca da noção de múltiplas identidades, em contínua problematização, ressaltada nos diálogos realizados durante as aulas.

Dentro da lógica educomunicativa, a dialogicidade é condição *sine qua non* para a boa condução de uma prática pedagógica, seja ela no contexto formal ou não-formal de educação. Dessa maneira, percebe-se que, em um curso baseado fundamentalmente em diálogos acerca de filmes e músicas, amparados em referenciais teóricos igualmente dialógicos, é possível e eficaz atribuir às práticas educomunicativas tais valores e visões de mundo.

Como resultados da avaliação do curso, há o relato de um(a) educador(a) que pontua: “Penso que partir da própria história se torna muito mais significativo e sensibilizador, precisamos desconstruir para adquirir e aprender novos conhecimentos”. Essa afirmação colabora para a reafirmação da importância da descolonização do pensamento e do poder da autobiografia nos currículos escolares, conforme também nos aponta Bruner (1995, p. 145): “Pela autobiografia, situamo-nos no mundo simbólico da cultura. Por meio dela, identificamo-nos com uma família, uma comunidade e, indiretamente, com a cultura mais ampla”.

Nesse sentido, outra educadora também afirmou, em sua história de vida, o seguinte: “Sou Elaine, filha primogênita da guerreira Olinda e do guerreiro José, que, com sua militância, me ensinaram a amar minha história. Descendente do berço da humanidade África”. Aqui, vê-se a importância dada por ela à sua ancestralidade, o que vem de encontro aos valores civilizatórios afrobrasileiros, também expostos durante o curso.

A relevância da ancestralidade também pode ser vista em outros depoimentos, marcados pelas histórias de vida das(os) educadoras(es), como: “Gosto de feijoada com farofa e também de sushi e sashimi. Tenho duas culturas dentro de mim, o que me permite ter uma perspectiva um pouco mais ampla”. E ainda: “Trabalhar a identidade dos alunos é sempre possível e importante, mas espero problematizar a identidade acrescentando um viés mais positivo da ancestralidade e inspirando um futuro promissor aos alunos”.

Por fim, percebe-se, a partir deste depoimento acima elencado, o compromisso das(os) educadoras(es) do curso em multiplicar e, inclusive, adaptar os conteúdos trabalhados em suas unidades educacionais, o que é extremamente importante e necessário, uma vez que essas formações são compreendidas como recursos de atualização profissional e, acima de tudo, como disparadoras de práticas que poderão vir a ser conduzidas nas escolas.

Referências bibliográficas

BRUNER, Jerome. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

BRUNER, J. e WEISSER, S. A invenção do ser: a autobiografia e suas formas. In: OLSON, D. R. e TORRANCE, N. **Cultura escrita e oralidade**. Trad. SIQUEIRA, Valter Lellis. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. In: **Currículo sem fronteiras**. V.12, n.1, Jan/Abr 2012. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/11/currículo-e-relações-raciais-nilma-lino-gomes.pdf>>. Acesso em 1 Set. 2016.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

A AUTORA

PAOLA DINIZ PRANDINI - ECA-USP – paprandini@gmail.com